

# Do Perfil do Jovem Contemporâneo e das Potencialidades de Trabalho da Geografia Escolar

## Profile of Young Contemporary and School Geography Work Capabilities

Victor Hugo Nedel Oliveira \*

Nestor André Kaercher \*\*

### Resumo:

O jovem contemporâneo vem surpreendendo a sociedade nos mais diferentes setores. Esta pesquisa trata das culturas juvenis no âmbito escolar e suas relações com o ensino da Geografia. Objetivamos identificar os diferentes perfis do jovem contemporâneo e relacioná-los às aulas de Geografia. Para atingir tais objetivos, elaboramos um amplo questionário, dividido em dois principais blocos: a montagem de um perfil dos sujeitos-jovens entrevistados e as relações dos sujeitos-jovens entrevistados com a Geografia. Os resultados da pesquisa indicam que o jovem-aluno contemporâneo é composto de múltiplas e transitórias identidades e, com isso, está adaptado a múltiplos pertencimentos. No tocante à Geografia escolar, entendemos que o jovem-aluno vincula muito fortemente aos temas físicos da ciência, ao citar exemplos como localização geográfica e fusos horários. Há o questionamento, então, sobre a condução das aulas de Geografia, a saber se as mesmas dão conta do conceito pleno do espaço geográfico, no sentido de trabalhar as temáticas físicas, mas também as humanas da ciência. Percebemos que há relação direta entre as práticas juvenis e possíveis temas a serem trabalhados na aula de Geografia. Há muito que se avançar neste tipo de pesquisa, uma vez que tratamos, além dos objetos já previstos, de nossa prática docente.

\* Mestre em Geografia pela UFRGS

\*\* Dr. em Geografia Humana pela USP. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

### Abstract:

The younger contemporary society has been surprising in many different sectors. This research deals with the youth cultures in the school environment and their relationship to the teaching of geography. We aimed to identify the different profiles of contemporary young and relate them to Geography lessons. To achieve these goals, we developed a comprehensive questionnaire, divided into two main blocks: the installation of a profile of the subject-young respondents and relationships of subject-young respondents with geography. The survey results indicate that the contemporary young student is composed of multiple and transient identities and thereby is adapted to multiple affiliations. With regard to school geography, we understand that the young student linked very strongly to the physical issues of science, citing examples such as geographic location and time zones. There is the question, then, on the conduct of Geography classes, namely whether they realize the full concept of geographical space in order to work the physical issues but also human science. We realize that there is direct relationship between youth practices and possible topics to be worked in geography class. There is much to advance this type of research, since treat, besides the objects already provided in our teaching practice.

### Palavras-chave:

Jovens,  
Juventude,  
Ensino,  
Geografia,

### Key-Words:

Youth,  
Youngers,  
Teaching,  
Geography,

## DE JOVENS E DE GEOGRAFIA: CONTEX- TUALIZANDO O LEITOR...

Somos tão jovens? Ainda persiste, em nossa sociedade, a busca pela eterna beleza, a eterna juventude? E o sonho de beber o elixir mágico da juventude e não envelhecer mais? Por longos anos a juventude foi tema de debate dos gregos e seus sucessores.

Atualmente, vemos os avanços das áreas médicas em postergar a velhice. As capas de revista, apresentando formas jovens e esculturais, formando um ideal de beleza quase utópico. Mas não é sobre esta juventude que este trabalho se dispõe a tratar. Aqui, queremos discutir sobre essa fase que todos passamos: a juventude – que, por vezes se estende muito além do delimitado pela idade – e suas relações com a Geografia, enquanto disciplina escolar e, por consequência, formadora de cidadãos presentes e atuantes no mundo. Queremos ver mais de perto as diferentes culturas juvenis e como podem nos ajudar a docenciar.

O questionamento “o que é ser jovem?” tratou-se de uma pergunta aberta no questionário de pesquisa, o que possibilitou aos sujeitos entrevistados escreverem, em um parágrafo, aproximadamente, o que acreditam que eles mesmos são. Este questionário foi aplicado em 76 (setenta e seis) alunos concluintes do ensino médio de escola pública estadual em Porto Alegre (RS), trata-se de um extrato de uma pesquisa mais ampla, em nível de mestrado. Para nossa surpresa, apareceram as mais diferentes respostas, as quais não formaram um grande e único bloco analítico. Propomos, então, seis blocos analíticos. A complexidade das análises apenas reforça os argumentos de que o jovem contemporâneo é múltiplo em todos os sentidos, inclusive ao se autodeclarar jovem. Não queremos afirmar, igualmente, que os jovens entrevistados se encaixam unicamente nesta ou naquela classificação por nós elencada. O que fizemos foi distribuir as respostas em blocos analíticos, que permitissem olhares mais ampliados sobre a ótica do jovem por ele mesmo.

Antes de analisarmos cada bloco analítico elencado, queremos citar uma definição de juventude de um entrevistado de 16 anos quando afirma que ser jovem:

É ser louco, mas ter responsabilidade. É ter incertezas do que realmente quer. Jovem é difícil de entender. Gostar das coisas perigosas, mas tem alguns que são mais responsáveis e não curtem muito as coisas perigosas. Jovem é foda de entender, né?

Talvez a definição aqui apresentada seja uma das mais simples e complexas ao mesmo tempo. Esse escri-

to saltou aos nossos olhos logo nas primeiras análises dos questionários, uma vez que o sujeito apresenta uma juventude assim como a vemos nas salas de aula: um jovem que por momentos é “louco”, mas apresenta responsabilidades (ou está na fase de apresentá-las); um jovem com incertezas em relação ao seu futuro (e quem de nós não passou por isto?); um jovem que se vê “difícil de entender” (e talvez aqui uma das mais importantes justificativas desta pesquisa); uns jovens mais responsáveis que outros; um jovem “complicado” de se entender. Acreditamos que essa “definição” pode sintetizar os argumentos e análises que descreveremos na sequência. Nesse espírito de escutar o jovem sobre ele mesmo, me vejo obrigado a concordar com Garbin (2009, p. 17), quando afirma que

[...] a questão central está, então, em conhecer e entender essa mistura de ânsias e imaginários juvenis. Propor-se, por exemplo, a conhecer, ouvir/escutar esses imaginários talvez seja o nosso grande desafio.

O que estamos propondo aqui é escutar o jovem por ele mesmo para, a partir desta escuta, conhecê-lo melhor, e, oxalá, realizarmos um melhor trabalho no ensino da Geografia. Junto e ao final de cada bloco analítico elencamos uma lista de temáticas que julgamos pertinentes para incentivar esta relação: o ensino de Geografia e a interação com o jovem-aluno.

Encontramos os seguintes blocos de respostas quando questionamos quem é o jovem. Observemos a tabela que distribui o número de respostas, suas porcentagens e, na sequência, as análises de cada bloco analítico.

Tabela 1 – Respostas dos entrevistados e proposição de blocos analíticos

Classificação	Tomada de decisões	Curtição (pela curtição)	Curtição (com responsabilidades)	Transição	Estudos	Descobertas
Número de respostas	10	25	10	12	9	8
Porcentagem das respostas	13%	34%	13%	16%	12%	12%

Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

### 1. DO JOVEM POR ELE MESMO: ONDE ENTRA A GEOGRAFIA?

Analisamos as respostas apresentadas à pergunta “o que é ser jovem?” E classificadas como “tomada de decisões”:

a) um jovem que considera o período da juventude como uma fase de tomada de decisões:

- correr atrás dos teus sonhos mesmo com dificuldade. Ter várias decisões ao mesmo tempo;

- ter muitas dúvidas e medos;
- preocupar-se com seu futuro;
- conviver com a pressão diária relativa ao que vai ser do meu futuro;

Neste bloco de repostas, percebemos uma definição de juventude como uma fase na qual, importantes decisões precisam ser tomadas. Os entrevistados referem, mais de uma vez, palavras como “decisões” e “futuro”, o que nos faz pensar que estes entrevistados entendem o período jovem como aquele no qual existem caminhos a serem trilhados e, neste momento, as escolhas para estes caminhos devem ser feitas, e apontou para seu futuro, mostrando-nos que o “ser jovem” é uma passagem, um estágio provisório.

Se formos analisar o gráfico com as respostas para a pergunta “o que queres estar fazendo daqui a cinco anos?”, conforme a figura 1, podemos perceber, da mesma forma, que as respostas se complementam com a categorização de jovem que vê este período como uma fase de transição.



Figura 1 - Visões de futuro dos entrevistados  
Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Estar na faculdade (cursando ou formado); estar trabalhando; morar sozinho, ascender na vida, ter um carro, ter filhos/família – que foram as respostas mais elencadas – são extremamente compatíveis com esta categoria do jovem em fase de transição, já que, no momento da entrevista, os jovens assim categorizados não estavam naquilo que descreveram como futuro, mas assim o vislumbravam.

Uma juventude que se vê em transição parece ser uma juventude que pensa seus objetivos e acredita que assim fará de tudo para alcançá-los, mesmo enfrentando as barreiras que a vida lhe dá, como más condições de estudo, poucas condições financeiras, dificuldades psicológicas, entre muitas outras.

Pois, num primeiro momento, essa categorização nos faz lembrar as aulas de Geografia! Por que não trabalhar esta fase – em transição – com os dados de estudos demográficos, por exemplo? Quando trabalhamos as pirâmides etárias, conforme figura 2, nos parece muito clara a divisão entre as faixas etárias ali estabelecidas. Uma possibilidade seria questionar os alunos, primeiramente, em qual posição eles se encaixariam na pirâmide etária (na base) e logo questioná-los: e quando vocês passarem para a outra faixa etária da pirâmide, o que gostariam de estar fazendo?

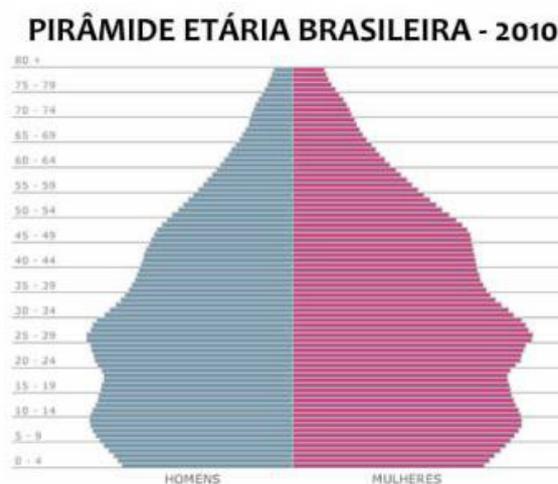


Figura 2 - Modelo de Pirâmide Etária brasileira 2010  
Fonte: IBGE (2010).

Ao mesmo tempo, podemos elucidar questões importantes, que certamente os afetarão e, desde já, os farão refletir:

- 1) Como estariam as questões de empregabilidade, moradia e mobilidade urbana?
- 2) E a previdência social? Haverá aposentadoria para todos?
- 3) E a saúde pública? Seu filho nascerá em boas condições de higiene?
- 4) E quando você passar para o topo da pirâmide e for idoso, haverá medicamentos, médicos e assistência necessária?

Dessa forma, agrupamos conceitos importantes para a análise da questão populacional, por exemplo, e ao mesmo tempo incentivamos os alunos a conjecturarem sobre seu futuro e pensar nos problemas – e suas soluções – que estão por vir. Há que se atentar ao fato e, como aponta Meirieu (1998, p.134) de que

[...] o ensino é estéril se não forem estabelecidas situações de aprendizagem em que o educando possa estar em atividade na

elaboração, isto é, de integração de novos dados em sua estrutura cognitiva.

Aí está uma chave que pode abrir as portas para quando trabalhamos os conceitos que nos são solicitados: colocar o aluno (jovem) em atividade de elaboração! Percebo claramente isso em minha prática quando solicito que os alunos produzam algo – seja uma discussão, um texto, uma argumentação, uma maquete, etc. –, pois constato que os novos dados/conceitos são muito melhor construídos quando partimos para a prática, ao invés de ficarmos teorizando e simplesmente expondo estes conteúdos. A discussão proposta acima, em relação às pirâmides etárias, quando abordamos a temática da juventude como fase de transição, é um exemplo de atividade prática que gera resultados positivos com os alunos e satisfatórios para o professor.

Aqui já continuamos a perceber, caro leitor, como é estreita esta relação entre ensino de Geografia e as culturas juvenis. Através das próprias construções sociais dos alunos podemos relacionar com temas para serem trabalhados em nossas aulas de Geografia. Não quero, no entanto, reafirmar a velha máxima – que escutamos muito – de que “tudo é Geografia”. O que queremos aqui é elucidar o leitor de que, se bem preparadas, existem inúmeras possibilidades de construir conceitos geográficos entre os conteúdos programáticos dos programas de ensino e as vivências juvenis. Vejamos a segunda categorização proposta:

**b)** um jovem que considera o período da juventude como uma fase de curtição (pela curtição):

- ser feliz, não se importar com o amanhã;
- sair para se divertir com mais frequência;
- se divertir, viver, adorar, brincar de amor. Viver todas as emoções;

- ter desculpa para fazer besteira, ser infantil, querer ser livre;

Aqui já percebemos outro estilo de jovem: aquele que acredita que a juventude é uma fase na qual tudo deve ser aproveitado, sem pensar ou se preocupar com as consequências. Palavras ou expressões como “divertir”, “sair para festas” e “aproveitar” aparecem na maioria das respostas, o que nos leva a crer que esses entrevistados acreditam que a fase da juventude é um período no qual se deve aproveitar a vida, dando a impressão de que há a sensação de que este período não voltará mais, por isto deve ser aproveitado, para não causar arrependimentos.

Esse nos parece ser o perfil mais conhecido popularmente, como o jovem. É tão comum que foi o mais inferido pelos alunos entrevistados, se compararmos a quantidade

de respostas que se encaixam nesta categoria, em detrimento das outras categorias apresentadas (25% das respostas enquadraram-se nesta categorização). Isso nos parece claro, quando analisamos o que relata Freire Filho (2008, p.53):

[...] a maior parte da juventude parece incapaz, ainda, de efetuar solitariamente algumas distinções vitais – é próprio do adolescente buscar o prazer sem se importar com as consequências.

Quando nos deparamos com uma resposta para a pergunta “o que é ser jovem para você?” como “Aproveitar cada segundo como se fosse o último”, por exemplo, temos, concretamente, esta incapacidade solitária a que o autor se refere, para que o jovem possa, lucidamente, distinguir as consequências de seus atos.

Entendemos que a construção histórica da juventude está intimamente ligada a uma fase de rebeldia, de oposição, de contraposição. Entretanto, quando nos deparamos com respostas muito agressivas em relação a essa categoria criada, nos vem à tona o ímpeto profissional do professor, aquele que também alerta para as possíveis consequências de atitudes impensadas nessa faixa etária.

Quando verificamos os dados apresentados sobre o uso de bebidas alcoólicas, não nos impressiona mais que 60% dos entrevistados admitam utilizá-las. Basta apenas verificarmos o que ocorre nas festas de debutantes ou 15 anos, por exemplo, quando os alunos relatam em sala de aula o abuso no uso do álcool. O primeiro autor deste artigo, já teve alunos nesta faixa etária que entraram em coma alcoólico, dada a tamanha ingestão de bebidas das mais variadas graduações, conforme figura 3.

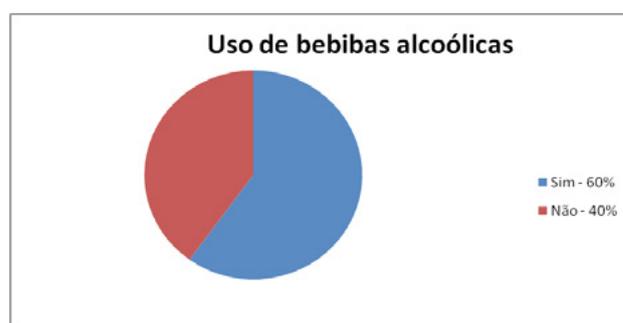


Figura 3 - Uso de bebidas alcoólicas  
Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Sob essa ótica, estamos inteiramente ligados aos autores Abarca e Sepúlveda (2005, p. 162), quando nos clareiam que:

El joven es irresponsable, despreocupado, apasionado, idealista, sin ataduras, un rebelde por esencia ([...] es revolución, es caos).

Interessante que, quando questionamos os entrevistados em relação ao hábito de fumar, a grande maioria (91%) responde negativamente, conforme figura 4. Esse dado nos surpreendeu, na medida em que vemos, diariamente, uma grandíssima quantidade de alunos que fumam nos corredores da escola e em outros espaços, como sacadas, pátio externo, grêmio estudantil, entre outros.

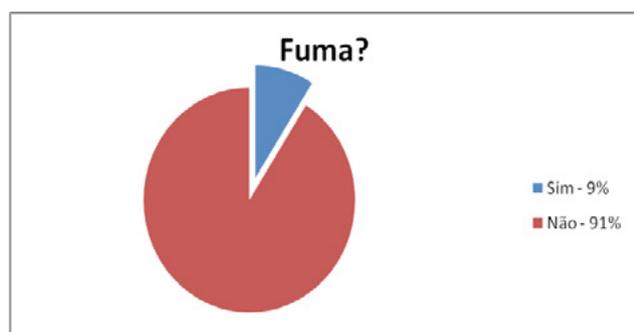


Figura 4 - Condição de fumantes ou não  
Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Podemos supor que muitos dos alunos entrevistados que, hipoteticamente, fumam, não marcaram a opção sim do questionário de pesquisa por motivo de vergonha ou mesmo dificuldade em se assumir fumante, mesmo em idade não permitida pela Lei, caso igual ao do uso de bebidas alcoólicas.

Na aula de Geografia vários temas estão ligados a essas visões desse grupo categorizado como um jovem “da curtição”: taxa de mortalidade (mortes por acidentes de trânsito, câncer de pulmão); taxa de natalidade (relações sexuais sem preservativos); questão econômica (movimentação financeira do mundo das drogas, festas e jogos), por exemplo. E ainda algumas interessantes problematizações podem ser feitas, no que diz respeito aos dados analisados:

1) Temos ideia do índice de mortes em acidentes devido ao uso de álcool? Conhecemos a legislação brasileira nesse sentido?

2) Se você tivesse um carro, como seria seu uso quando estivesse em uma festa com bebidas alcoólicas?

3) Acompanhamos, na mídia, os relatos de quem tem câncer de pulmão? Observamos isso nos maços de cigarro, através das fotos que estes estampam?

4) O aborto deveria ser legalizado? Você concorda, discorda, possui argumentos?

Tais questionamentos funcionam como gatilhos para discussões e apresentações de temáticas que perpassam os temas discutidos, a partir das realidades vivenciais – ou imaginárias – dos alunos. Vejamos a terceira categorização. Analisamos as respostas apresentadas à pergunta “o que é ser jovem?” e classificadas como “curtição (com responsa-

bilidades)”:

**c)** um jovem que considera o período da juventude como uma fase de curtição, mas com responsabilidades:

- curtir ao máximo a vida, com responsabilidade;

- curtir a vida a todo custo, mas tendo responsabilidade. Fazer tudo o que gosta com quem mais gosta;

- ter liberdade e consciência do que fazer. Curtir a vida sem exageros;

Nesse bloco, por sua vez, encontramos sujeitos que acreditam que a juventude seja, igualmente aos classificados anteriormente, uma fase de “curtição”, porém inferem em suas respostas preocupações/afirmações no tocante à responsabilidade apresentada nestes momentos de divertimento. Podemos classificá-los como jovens que aproveitam os momentos desta fase da vida, mas se preocupam com sua integridade física, por exemplo. Palavras ou expressões como “responsabilidade”, “sem exageros”, “com consciência” aparecem nas respostas deste bloco de análises, dando o entendimento, quiçá, de sujeitos que já se preocupam com seu futuro, aproveitando a vida e os momentos de juventude, contudo, tendo parcimônia em seus atos.

A diferença básica que encontramos aqui, em relação ao bloco anterior, é que os jovens expuseram muito similarmente aos anteriores que a juventude é uma fase de curtição, de aproveitar ao máximo; entretanto, diferem dos demais na medida em que apresentam noções de que as festas, as extravagâncias, as extrapolações têm limites. Inferem que a juventude é uma fase na qual se aproveita muito e, igualmente, existem responsabilidades, como o estudo, por exemplo.

Fizemos questão de diferenciar essas duas visões, já que as respostas, inicialmente, pareciam semelhantes, mas, ao debruçar um olhar mais atento, pudemos perceber que as diferenças estavam bem expostas e que as duas categorias se faziam necessárias ao debate.

Nesse sentido, uma proposta de pensar a nossa Geografia, a partir dessa análise seria elaborar em conjunto com os questionamentos sugeridos na análise anterior e discutir com os alunos o que é mais prudente: “curtir a vida” sem pensar no futuro ou “curtir a vida” e ter a tomada de consciência de seus limites?

Analisemos as respostas apresentadas à pergunta “o que é ser jovem?” e classificadas como “fase de transição”:

**d)** um jovem que considera o período da juventude como uma fase de Transição:

- é o adolescente/adulto que está na flor da vida;

- é ter que conviver com os problemas dos adultos, sendo crianças;

- ter menos idade, com mente adulta;
- sair da infância. Deixar de ser visto como criança;

As respostas encontradas e classificadas neste bloco apresentam, claramente, um jovem que se vê em uma fase de transição, entre uma idade de infância para uma fase adulta. As frases apresentadas como respostas, como, por exemplo, “É ter que conviver com os problemas dos adultos, sendo crianças”, revelam que estes entrevistados se veem em um momento de transição, muitas vezes cumprindo ritos de passagem da meninice para a adultez, como iniciar-se no mundo do trabalho; independizar-se dos pais; andar sozinho, sem um adulto que o acompanhe; não estar constantemente vigiado.

Uma das perguntas do questionário de pesquisa era “qual a sua relação de trabalho?” e dava alternativas para a resposta, observando a figura 5. Interessante que, se somadas, todas as formas de trabalho representam incríveis 63% dos entrevistados, seja na modalidade de estágio, de relação formal de trabalho (carteira assinada) ou na informalidade. Apenas 37% dos jovens entrevistados afirmaram não trabalhar. Aqui estamos tratando de uma importante transição na vida do jovem, que já se efetiva durante suas vivências escolares e ocorrem concomitantemente.

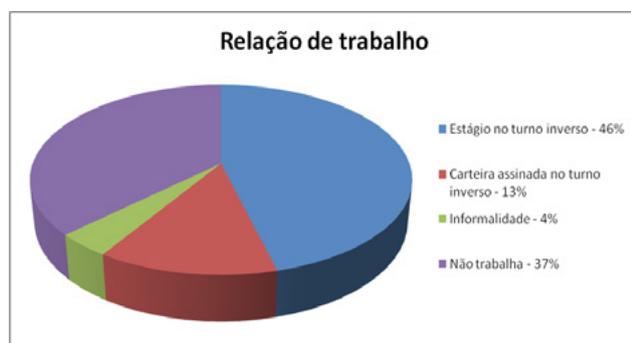


Figura 5 - Relação de trabalho dos entrevistados  
Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Particularmente, sei o que estes 67% de entrevistados passam diariamente, na medida em que fui estagiário desde os 16 anos (2º ano do ensino médio), trabalhei durante todo o meu período de graduação (a parte inicial com serviços administrativos e, posteriormente, na docência). Percebi, em mim, o quão maduro a relação de trabalho me tornou, possibilitando aprender, na prática, a administração dos próprios proventos, gastos, tomada de decisões, obediência aos superiores, entre tantas habilidades que o trabalho fornece.

Aqui há que lembrarmos que a fase de escolarização deve ser respeitada e que a prioridade, neste momento da vida do jovem, é a educação. Confirma isto a legislação brasileira, no que diz respeito ao estágio, quando afirma que:

Art. 1º - Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (BRASIL, 2008, p. 1). [grifo nosso].

Percebemos que, inclusive, a legislação, no tocante ao tema do estágio, infere que o mesmo vise à preparação para o trabalho produtivo de educandos, ou seja, o estagiário (46% dos entrevistados) está justamente nesta importante fase de transição. Está estudando em um turno e trabalhando em outro, preparando-se para o real mundo do trabalho.

Souza (2009, p.32), por outro lado, nos alerta que a juventude não é mais um momento breve de preparação, mas é tempo de construção, de começar a exercer as mais diversas ações no mundo social. Podemos perceber claramente quem são os 13% de entrevistados que afirmam trabalhar formalmente, com carteira assinada, no(s) turno(s) inverso(s) ao das aulas. Há a grande maioria que está na condição de estagiário, mas também há os que já estão intimamente imersos na realidade do trabalho, através de contratos formais, muitas vezes com uma jornada semanal de 40 horas. Em sua grande maioria são os alunos do turno da noite, que trabalham durante a manhã e a tarde e vêm para a escola no turno da noite, com o intuito de complementar/finalizar sua escolarização básica, na procura de melhores empregos. Verifico isso em meu cotidiano docente, uma vez que tais alunos comentam estar trabalhando em profissões como pedreiro, ascensorista, garçom, pintor, auxiliar (das mais variadas funções) e estudam no período noturno para poder ter melhores empregos e, conseqüentemente, melhores condições de vida.

Quantas temáticas relacionadas ao mundo do trabalho podemos discutir com nossos alunos, em nossas aulas de Geografia! O início, muitas vezes, pode ser o simples comentário das realidades dos alunos: estagiários, trabalhadores de carteira assinada, informalidade, e de como estes alunos vêm sua atual condição como uma fase transitória. Vejamos algumas problematizações:

- 1) Conhecemos as diferenças entre o mundo do trabalho nos sistemas capitalista e socialista?
  - 2) você conhece o sistema de produção empregado na empresa na qual trabalha?
  - 3) sabemos distinguir os conceitos de mão de obra, salário, lucro, matéria-prima e setores da economia?
  - 4) quem gera as riquezas? E quem se apropria delas?
- Só nestes pequenos e simples questionamentos, que surgem da realidade de grande parte dos alunos, temos as-

sunto para muitas aulas de Geografia.

Analisamos as respostas apresentadas à pergunta “o que é ser jovem?” e classificadas como “fase de estudos”:

**e)** um jovem que considera o período da juventude como uma fase de estudos:

- estudar e especializar para o mercado de trabalho;
- saber aproveitar a vida, estudar muito para ter uma vida boa;
- estudar mais e tirar a nota;
- estudar, interagir com outras pessoas para trocar experiências;

Neste bloco analítico, criamos a categoria do jovem que se vê, em sua grande parte do tempo, em uma fase plena de estudos. Acreditamos que essas respostas estejam igualmente entrelaçadas ao ambiente no qual foram aplicados os questionários de pesquisa: uma escola. Entretanto, pelo tipo de respostas infere em um jovem que se preocupa com os estudos já visando implicações/resultados em um futuro não muito distante. Um jovem que estuda para poder melhorar de vida, ascender socialmente e alcançar seus objetivos. O verbo “estudar” aparece em grande parte dessas respostas, o que nos dá a ideia de uma ação, um processo que está acontecendo inclusive no período no qual os sujeitos foram entrevistados.

Não nos surpreendeu, nem tampouco nos pareceu óbvio, que surgisse uma categoria do jovem que se vê em uma fase intensa de estudos. O que nos surpreende é o fato de que, pelas perguntas feitas no questionário de pesquisa, nos parece que este jovem que se nota em uma fase de estudos aparentemente vincula o estudo como se fosse unicamente frequentar os ambientes da escola. Vejamos os dados:

#### a) Tempo de estudo

Quando questionados sobre quanto tempo de estudo, além da sala de aula, é dedicado pelos alunos, por dia, 42% dos entrevistados afirma que não dispõem de nenhum tempo diário de estudo além do que tem na escola; 5% afirmam estudar apenas nos finais de semana; 25% afirmam estudar uma hora por dia; 19% afirmam estudar 2h por dia; e 8% afirmam estudar 30min por dia. Parece-nos claro que a grande maioria dos alunos não dedica parte de seu tempo diário para o estudo extraclasse, considerado importante no consenso do mundo da educação. De certa forma, entendemos que há uma grande porcentagem dos entrevistados que trabalha diariamente – seja como estagiário ou empregado formal – o que fica claro é que há uma controvérsia

nos dados analisados, na medida em que muitos se veem em uma fase de estudos e não dispensam o que seria esperado no que se refere ao tempo de estudo adicional, como vemos na figura 6.



Figura 6. Tempo de estudo diário – além da sala de aula  
Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

#### b) Cursos extras

Parece-nos interessante perguntar ao jovem se ele realiza ou já realizou algum curso extra, já que isto diz respeito diretamente a dois fatores importantes: a) a formação do jovem e b) a preparação para o mercado de trabalho. Pois bem, temos uma categorização de um jovem que percebe a juventude como uma fase de estudos e um resultado afirmando que 60% dos jovens nunca realizaram nenhum tipo de curso extra. Não queremos aqui, caro leitor, afirmar que há uma obrigatoriedade de o jovem realizar curso extra. Queremos alertar para a discrepância entre o afirmado pelo jovem e categorizado – uma fase de estudos – e o que nos é apresentado por este jovem, com dados relacionados diretamente ao tema.

Ainda neste tocante, quando questionamos os 40% dos entrevistados que quando da aplicação dos questionários realizavam cursos extras ou dos que já haviam realizado, de acordo com a figura 7, ficou bem claro que a tipificação de cursos extras realizados pelos alunos era para: a) preparação para o mercado de trabalho: curso de informática, curso de idiomas, curso de administração; ou b) preparação para as provas de ingresso no ensino superior: curso pré-vestibular, observando a figura 8.

#### c) Leitura

Neste ponto alegamos ao constatar que 98% dos alunos, conforme apresenta-se na figura 9, realizam algum tipo de leitura. Esperávamos encontrar um dado mais alarmante, se consideradas as realidades que observamos: a sala de aula e uma simples conversa com um professor de reda-

ção/língua portuguesa, quando afirmara incondicionalmente que os alunos não leem e carecem de vocabulário. Ao contrário, os dados da pesquisa revelam que os mesmos, na grande maioria, leem! O que deveríamos perguntar é: que tipo de leitura? Aí teremos diferentes eixos da literatura que afirmam ser relevante a leitura de gêneros “teenager” (livros teenagers são aqueles que tem enredos adolescentes ou altamente ficcionais, como por exemplo: “A Culpa é das Estrelas” ou ainda “Harry Potter”, que tem vendas na casa dos milhões), pois aproxima o jovem da leitura. O que queremos afirmar é que dos 37% dos entrevistados afirmaram ler livros, a maioria informa que são justamente os livros “teenagers”.



Figura 7. Realização de curso extra  
Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

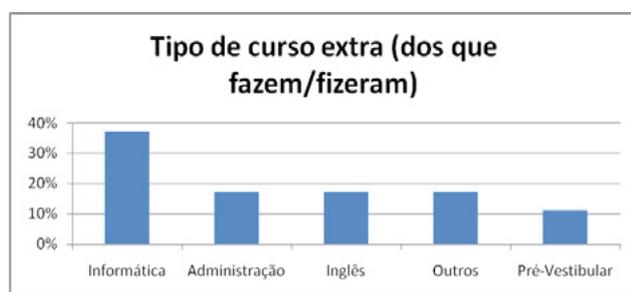


Figura 8. Tipo de curso extra realizado  
Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

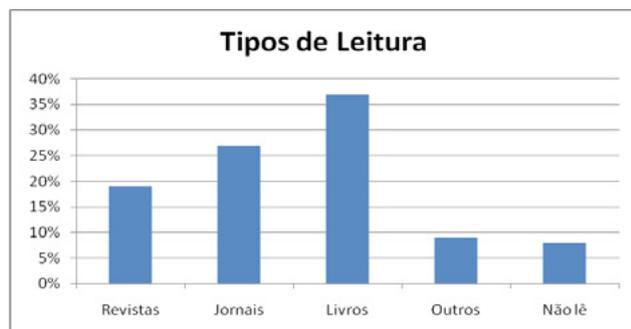


Figura 9 - Tipos de leituras realizadas  
Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Mas e a Geografia, o que teria para colaborar nesta discussão do jovem que se vê em uma fase de estudos? Muitas são as propostas de problematização/trabalho em relação

a este tema, a saber:

1) discutir com os alunos, com base nesta categorização, qual a real porcentagem de alfabetizados no Brasil, como isto mudou ao longo do tempo e qual a influência deste dado no panorama nacional;

2) entender a formação de dados internacionais, como o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e como a educação colabora/interfere na formação destes dados;

3) comparar e discutir o conceito de analfabetismo e analfabetismo funcional;

4) debater sobre como a educação (enquanto processo) e a leitura são ferramentas capazes de interferirem – direta ou indiretamente – na construção do espaço geográfico.

O importante aqui seria entender que a literatura, por exemplo, dialoga com o mundo simbólico do aluno! Através da leitura também podemos entender a formação da identidade desse jovem!

Analisemos as respostas apresentadas à pergunta “o que é ser jovem?” e classificadas como “fase de descobertas”:

**f)** um jovem que considera o período da juventude como uma fase de descobertas:

- experiências novas constantemente;
- é ter a melhor parte da vida para aprender, viajar, conhecer novas pessoas;
- conhecer novas coisas;
- parte da nossa vida que conhecemos o mundo;

Por fim, mas não menos importante, verificamos que uma parcela dos entrevistados concebe a juventude como uma fase de (constantes) descobertas. Preferimos diferir da classificação “fase de transição” para definir a presente categorização, já que vários sujeitos utilizaram o verbo “conhecer”, o que nos levou a crer, subjetivamente, de que estamos falando de um jovem em processo de autoconhecimento e de conhecimento de seu mundo, daquilo que está ao seu redor.

Quando encontramos, nesta categorização, uma resposta como “se descobrir”, fica impraticável, neste ponto da análise, não pensar nas questões do tocante à sexualidade dos alunos. É muito óbvio e direto que a adolescência/juventude é uma fase de constantes descobertas, inclusive em relação ao corpo e como se lida com a sexualidade. Essa afirmação ainda encontra seu embasamento na música que precede este texto, quando afirma que o jovem “só pensa em sexo, yeah!”. Ao questionarmos os jovens-sujeitos da pesquisa, em relação a sua orientação sexual, nos aparece o gritante dado, de acordo com a figura 10.



Figura 10 - Orientação sexual  
Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

É muito claro que o gráfico fala por si! 97% dos entrevistados se declaram heterossexuais! Seria a exposição de uma verdadeira realidade? Seria um acobertamento de uma realidade que não é socialmente aceita? Aqui, esperávamos encontrar dados que apresentassem mais de 1% de entrevistados autodeclarados homossexuais, dadas as realidades que vivenciamos diariamente, em nossas salas de aula. Há que ressaltarmos os 2% de abstenção quando dessa pergunta, uma vez que o silêncio também fala. De acordo com Lages (2009, p.17), há que se ressaltar:

Compreender a sexualidade na adolescência relaciona-se com a necessidade de saber que sua natureza tem a ver com transformações biológicas, mas também é reflexo de expectativas sociais e culturais, ou de padrões de comportamento aprendidos.

Deste ponto de análise e, em conjunção com o que encontramos no que diz respeito às informações/visões dos alunos em relação ao espaço da pesquisa, por mais que o espaço de pesquisa seja visto como um espaço no qual prevaleça a liberdade, existem ainda, sim, comportamentos de repressão e preconceito em relação ao tema da sexualidade.

E qual a relação de Geografia com o tema sexualidade? Pois são vários os estudos e as abordagens que o professor de Geografia pode utilizar em sua sala de aula sobre a questão sexual:

- 1) a discussão sobre identidade, gênero e as implicações disto no espaço geográfico;
- 2) as territorialidades da prostituição em grandes cidades, nos diferentes meios, níveis e classes sociais;
- 3) o turismo sexual: como esta prática colabora com as economias locais e violência;
- 4) o debate e a conscientização no que diz respeito ao sexo seguro e o uso de preservativos, a discussão sobre a contaminação com o vírus HIV e como este tema foi perdendo espaço ao longo do tempo, dada a ampliação do tratamento

via Sistema Único de Saúde;

5) os métodos contraceptivos e suas implicações na alteração de taxas como natalidade, fecundidade e crescimento vegetativo de um país;

6) a gravidez na adolescência.

Outro ponto que nos pareceu importante relacionar com essa categoria de juventude é a questão da religiosidade. Ao categorizar a juventude como uma fase de descobertas, também entendemos que as vivências religiosas se caracterizam como tal, dado que 31% dos sujeitos-jovens entrevistados declaram-se com religião (ou prática religiosa) diferente da sua família, conforme observamos no gráfico a seguir.

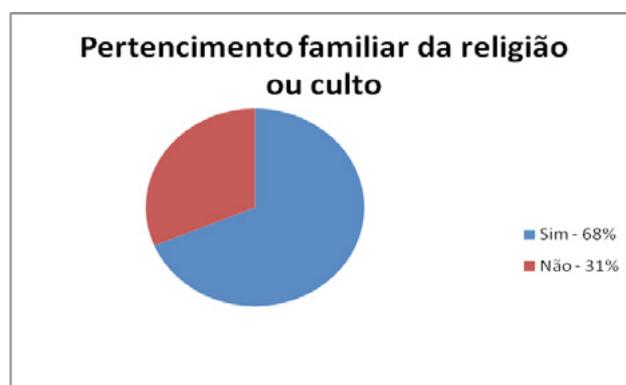


Figura 11 - Pertencimento familiar da religião ou culto  
Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Esse dado da pesquisa (figura 11) pode ser interpretado sob dois ângulos: a) pelo contexto de a juventude ser uma fase de oposição; e b) justamente pelo processo de descobertas pelo qual passa esta fase do desenvolvimento humano, não encontra na religião de seus pais uma prática que lhe agrade e migra para outra denominação religiosa. Almeida (2009, p.110), afirma que a religião foi apontada pelos jovens como um dos principais assuntos que gostariam de discutir com seus pais, amigos e toda a sociedade e será que, de fato esta discussão ocorre? O interessante é que há uma atuação social desses jovens praticantes de alguma religião, como o autor destaca:

Hoje, não são poucos os jovens que desenvolvem atuações motivadas por devoções religiosas. Esses jovens não estão confinados nos salões paroquiais ou nos cultos de suas igrejas. Estão também no espaço público, trocando idéias, compartilhando vivências e, como os outros jovens, buscando sentido para a vida. (ALMEIDA, 2009, p. 108).

E, além dos espaços citados pelo autor, esses jovens estão nas escolas! Percebo, em meu cotidiano docente, que há muitos jovens-alunos que professam religiões como as

neopetenconstais (pela vestimenta utilizada) ou ainda alunos que professam religiões da matriz afro-brasileira (pelas falas de aceitação); entretanto, quando questionamos diretamente qual a religião ou culto dos jovens, o dado não foge à realidade do panorama brasileiro, como é demonstrado no gráfico que segue.

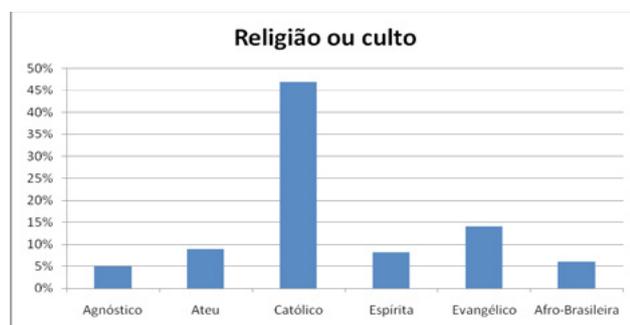


Figura 12 - Religião ou culto  
Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

A grande maioria declara-se católico – praticamente 50% dos entrevistados – seguidos dos evangélicos, 14%, de acordo com a figura 12. É interessante ressaltar que o estilo musical “gospel” apareceu, muito timidamente no (Gráfico 6), quando questionamos os jovens em relação às suas preferências musicais. Nesse enfoque, cabe lembrar que existem eventos que reúnem grande parte do público evangélico em várias partes do país, como o “Marcha para Jesus”, evento no qual a maior parte do público envolvido é jovem! A Igreja Católica não fica muito aquém, quando observamos o tema da participação juvenil: grupos de jovens católicos, criados no âmago da teologia da libertação; Pastoral da Juventude; Renovação Carismática Católica são exemplos de encontros juvenis com a religião e uma prática social coletiva. No entanto, percebemos que muitos desses jovens questionam dogmas, verdades ou regramentos impostos pelas instituições religiosas às quais pertencem, como o uso do preservativo, a proibição de manter relações sexuais antes do casamento, o sacerdócio celibatário.

[...]. Isso pode nos revelar que essa geração juvenil parece estabelecer com a religião uma relação mais crítica, de questionamentos, sem assumir alienadamente seus dogmas e, tampouco, assumir posição radical atea de negação ao conjunto de seus preceitos (ALMEIDA, 2009).

E a escola? De fato, fica difícil para a escola tratar com a questão das diferenças se muitas vezes sua prática é de homogeneização e uniformidade (ALMEIDA, 2009). Quando falamos em escolas laicas – como uma na qual trabalho agora – o tema é livre e sem demandas obrigatórias/curriculares

de ser tratado. Quando falamos em escolas confessionais – como uma na qual já trabalhei, confessional católica – o tema é delicado, já que existe uma abordagem oficial e direcionada do tema religião.

E a Geografia? Muitos temas podem ser tratados nas aulas de Geografia, no que diz respeito às religiões. Na atualidade, nos parece lógico que o tema mais importante seria a intolerância e o extremismo religioso, como percebemos nos noticiários, com muita frequência, em várias regiões do mundo, encabeçados pelas ações terroristas do Estado Islâmico, que vêm alterando o uso e a ocupação do espaço geográfico do Oriente Médio. Uma grande discussão geográfica, em sala de aula, partindo do ponto da religião.

## 2. PARA NOVAS LEITURAS DE JOVENS E DE GEOGRAFIA ESCOLAR...

Pareceu-nos muito claro que as relações efetuadas entre esse jovem contemporâneo e o ensino de Geografia estão ligadas aos temas físicos da ciência. Quando questionamos os mesmos sobre a “serventia da Geografia”, nos são oferecidas como respostas as temáticas físicas (duras) da ciência geográfica, como localizar países ou saber fusos horários, por exemplo. Se perguntarmos ainda quais são as palavras que mais lembram a Geografia, os mesmos inferem, em sua maioria, em palavras da ordem da Geografia física.

Essa constatação nos faz refletir sobre como vem sendo dada a condução de nossas aulas e sobre como vem sendo pensados os currículos escolares e os programas de ensino. Vejamos alguns questionamentos importantes:

a) sobre nossas aulas:

- Estamos dando a verdadeira importância ao conceito de Espaço Geográfico e suas relações entre os temas sociais e naturais?

- Estamos contextualizando as realidades locais dos alunos, de maneira a termos uma abordagem das diferentes escalas geográficas, partindo do local e chegando ao global (e vice-versa)?

- Estamos tendo espaço para discutir com os alunos as temáticas dos movimentos sociais, das cidades, das populações, de maneira com que eles se sintam participantes destas questões?

- Não estaríamos frisando em demasia o tema físico da Geografia, uma vez que, no imaginário popular, o mesmo dá mais “validade” à ciência geográfica?

b) Sobre os currículos escolares e os programas de ensino:

- Estamos balanceando as temáticas físicas com as

temáticas humanas da Geografia, ao planejarmos nossos planos de ensino?

- Estamos conseguindo efetuar a devida defesa da permanência da Geografia nas grades de currículos, quando sabemos que em muitas escolas não há mais Geografia nos três anos do ensino médio?

- Estamos cientes das propostas dos órgãos competentes (Ministério e Secretarias de Educação) no que diz respeito ao ensino de Geografia?

Caro leitor, são muitas as perguntas! Encontramos respostas para elas? Nesse sentido é que nos referimos ao afirmar que a busca por responder uma pergunta nos abre espaço para outras tão urgentes quanto a primeira.

Acredito ser importante lembrar, neste espaço, Meirieu (2006, p.25), em sua “Carta a um Jovem Professor”, sobre uma visão importante do professor: “Não há nada de extraordinário, então, em considerarmos nosso ofício como um meio de possibilitar a outros que vivam a alegria das descobertas que nós próprios vivemos”.

E, ainda, uma visão importante sobre o conhecimento, ainda conforme as palavras do mesmo autor (2006, p.19): “O professor deve possibilitar a cada aluno confrontar-se com um saber que o ultrapassa e, ao mesmo tempo, fornecer-lhe a ajuda necessária para se aproximar deste saber”.

Avante, companheiros! Há muito trabalho a ser feito! Mais pesquisas, mais aulas, mais jovens e mais reflexões virão!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABARCA, Humberto; SEPÚLVEDA, Maurício. Barras Bravas, pasión guerrera. Territorio, masculinidad y violencia en el fútbol chileno. In: FERRÁNDIZ, Francisco; FEIXA, Carles. (Orgs.) **Jóvens sin tréguas: culturas y políticas de la violencia**. Barcelona: Anthropos, 2005.

ALMEIDA, Renato Souza de. Juventude e Religião: o que a escola tem a ver com isso? In: CAVALCANTE, Márcia Koboldt. (Org.) **Culturas Juvenis: dinamizando a escola**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes**. Brasília, 2008.

FREIRE FILHO, João. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, Silvia. (Org.) **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo:

EDUC, 2008.

GARBIN, Elisabete Maria. Conectados por um fio: alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e a escola. In: **Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio. Programa Salto para o Futuro** – TVE/Escola/Brasil. São Paulo, ano XIX, Boletim 18, nov./2009.

LAGES, Mariana Nunes. **Sexualidade na adolescência: intervenção em contexto educativo, para a promoção do autocuidado**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2009.

MEIRIEU, Philippe. **Aprender... sim, mas como?** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Carta a um Jovem Professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SOUZA, Rui Antônio de. Além dos muros: razão ou razões na escola? In: CAVALCANTE, Márcia Koboldt. (Org.) **Culturas Juvenis: dinamizando a escola**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

---

### Correspondência dos autores:

*Victor Hugo Nedel Oliveira*  
e-mail: victornedel@hotmail.com

*Nestor André Kaercher*  
e-mail: nestorandrek@gmail.com

Artigo recebido em: 11/12/2015

Revisado pelos autores em: 23/08/2016

Aceito para publicação em: 17/10/2016